

**A EPITOME DO MAL: HITLER E OS NAZISTAS
REPRESENTADOS NA CULTURA POPULAR APÓS A SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL**

BUTTER, Michael. *The Epitome of Evil: Hitler in American Fiction, 1939 – 2002*. United States: Palgrave Macmillan, 2009.

Marcos Eduardo Meinerz¹

Setenta anos se passaram desde que os eventos da Segunda Guerra Mundial chegaram ao seu fim em 1945. Durante esse período, foram produzidos inúmeros trabalhos sobre o nazismo, vide a importância de explicar um dos acontecimentos mais marcantes do século XX. No cerne destes trabalhos, encontramos vários estudos que abordam as mais diferentes temáticas sobre o assunto, ora privilegiando aspectos econômicos, ora políticos, ora sociais. Além de despertar o interesse de historiadores e outros pesquisadores, o nazismo continua a provocar a curiosidade de um grande número de leitores que tentam entender as origens de um fenômeno político que produziu consequências devastadoras para uma vasta parte da humanidade.

Outro tipo de narrativa existente sobre o nazismo, diz respeito a uma grande produção literária, cinematográfica e televisiva dedicada a explorar passados alternativos ao resultado da Segunda Guerra Mundial. Esses diversos trabalhos exploram uma variada gama de questões: E se os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial? E se Adolf Hitler escapou da Alemanha nazista em 1945 se escondendo nas florestas da América do Sul? E se Hitler tivesse sido assassinado ou nunca tivesse nascido? E se o Holocausto tivesse sido completado ou de alguma forma pudesse ser desfeito? Tais questões contrafactuais podem inicialmente nos parecer absurdas, mesmo inúteis. Mas foram colocadas consideravelmente por um amplo número de pessoas, aparecendo em uma vertiginosa variedade de

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: markosmeinerz@gmail.com.

RESENHAS

locais (EUA, Inglaterra, Alemanha, América do Sul). A lista é eclética, mas demonstra uma tendência clara: especulações sobre finais alternativos à era nazista se tornaram um fenômeno notável na cultura popular do Ocidente.

Assim, o livro aqui resenhado aborda esse fenômeno. *The Epitome of Evil* (A epitome do mal) foi escrito pelo historiador alemão Michael Butter e publicado no ano de 2009. Butter é professor dos Estudos Americanos da Universidade de Tübingen, Alemanha. Além de *Epitome of Evil*, escreveu o livro, *“Plots, Designs, and Schemes: American Conspiracy Theories From Puritans to the Present”* (Tramas, Projetos e Esquemas: Teorias da conspiração norte-americanas dos Puritanos ao Presente), no qual traça a história das teorias conspiratórias presentes nos Estados Unidos desde o século XVII à era da Internet. O autor também é afiliado da Universidade de Freiburg na Alemanha, atuando na área de investigação sobre “Heróis – Heroização – Heroísmo”, onde dirige o projeto intitulado, *“New Washingtons? The Heroization of American Presidents from Early Republic to Reconstruction”*² (Novos Washingtons? A heroização dos presidentes norte-americanos desde o início da República à Reconstrução).

Analisar as representações de Hitler na literatura norte-americana de 1939 a 2002, tema escolhido pelo autor, convida-nos a ponderar sobre a atração que a imagem do *Führer* possui no imaginário cultural³ do ocidente, e a perguntar por que as suas representações têm proliferado enormemente. Durante esse tempo, aproximadamente uma centena de textos que apresentam Hitler (ou seus filhos, ou clones, ou alguém chamado Hitler) como personagem foram publicados. Esse fato não se restringiu as literaturas: como observamos anteriormente, filmes, novelas, documentários, e programas de televisão também colaboram com essa propagação e são publicadas em um grande número desde a Segunda Guerra Mundial.

² Interessa-se em Estudos Culturais, Literatura América, Estudos Americanos, Teorias Conspiratórias, Heróis, Heroísmo, Cinema e Televisão, História Alternativa na Literatura, Ficção Popular e Cultura Popular. Para ver alguns de seus trabalhos: <https://uni-tuebingen.academia.edu/MichaelButter>. Acesso em 14/08/2015.

³ O termo imaginário cultural que o autor utiliza se refere a imagens, emoções, e desejos projetados em uma cultura popular em um determinado momento histórico.

A epitome do mal: Hitler e os nazistas representados na cultura popular após a Segunda Guerra Mundial

| Marcos Eduardo Meinerz

No primeiro capítulo – *The Rise and Fall of the Progressive Narrative* (A ascensão e queda da narrativa progressista) –, o autor estabelece uma visão geral dos primeiros trinta anos da ficção de Hitler, um período no qual o líder nazista ainda não era usado para negociar problemas desconectados como o nazismo. Explora também as razões para a difusão em grande escala das ficções de Hitler após 1968.

No segundo capítulo – *Keeping the Monster Alive* (Mantendo o monstro vivo) –, Butter define as bases para a interpretação das ficções de Hitler do pós-1968. Entendendo que a maioria dos livros escritos deste ano em diante pertencem ao gênero da história alternativa, um gênero que, para ele, tem recebido até agora uma limitada atenção crítica. Nos capítulos seguintes – três, quatro, cinco e seis –, através da leitura de textos paradigmáticos, o autor desenvolve uma taxonomia das histórias alternativas para analisar e explorar os vários tipos de funções culturais exercidas por essas narrativas⁴.

A crítica às ficções de Hitler por muito tempo foi negócio de família, com apenas dois estudos que abordaram o gênero escritos por pai e filho: em 1985 Alvin Rosenfeld, um crítico literário e pesquisador do Holocausto, publicou, *Imagining Hitler* (Imaginando Hitler)⁵, e exatamente vinte anos depois (2005), seu filho, Gavriel Rosenfeld, historiador, produziu, *The world Hitler never made* (O mundo que Hitler nunca criou)⁶. Ambos os autores não focam na representação de Hitler exclusivamente na cultura dos EUA, mas estão preocupados com a imagem do nazismo no mundo ocidental. Alvin

⁴ Os textos que receberam mais atenção no trabalho de Butter são: BUKOWSKI, Charles. "Swastika". In: *Erections, ejaculations, exhibitions and general tales of ordinary madness*. San Francisco: City Lights Books, 1972. GOSS, Gary. *Hitler's daughter*. Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1973. SPINRAD, Norman. *The Iron Dream*. New York: Avon, 1972. LEVIN, Ira. *The boys from Brazil*. New York: Randon House, 1976. WEILL, Gus. *The Führer seed*. New York: William Morrow, 1979. BENFORD, Timothy. *Hitler daughter... wants to occupy the White House*. New York: Pinnacle Books, 1983. HEYWOOD, Joseph. *The Berkut*. New York: Dell, 1987. CHARNAY, David. *Operation Lucifer: the chase, capture, and trial of Adolf Hitler*. New York: Squire General, 2002. ERICKSON, Steve. *Tours of the Black Clock*. New York: Avon, 1989. ROSENBAUM, Ron. *Explaining Hitler: the search for the origins of his evil*. New York: Randon House, 1998.

⁵ ROSENFELD, Alvin. *Imagining Hitler*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

⁶ ROSENFELD, Gavriel. *The World Hitler never made: alternate history and the memory of Nazism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

RESENHAS

Rosenfeld crítica textos que colocam Hitler em um novo contexto por distorcer a realidade histórica e por transformar eventos traumáticos em uma “forma de entretenimento”. Mas para Butter, embora Alvin Rosenfeld observe que Hitler e o nazismo se tornaram “*tão plásticos para a imaginação contemporânea que podem ser qualquer coisa que gostaríamos que fosse*”⁷, o autor nunca perguntou que tipo de trabalho cultural esses textos realizam, pois considera entretenimento como a única função da ficção popular.

O estudo recente de Graviel Rosenfeld, em contraste, é caracterizado pela diferente atitude com respeito a questão da ficção popular. Com seu foco na memória, o autor atribui à cultura popular, e particularmente ao gênero da história alternativa, na qual ele se concentra, a “*capacidade única de fornecer insights sobre a dinâmica da memória*”⁸. Histórias alternativas são narrativas nas quais um ou mais eventos do passado são mudados e as consequências subsequentes da história são imaginadas. Rosenfeld reconhece que a história alternativa realiza importantes tipos de papéis culturais quando afirma que essas narrativas “*validam ou criticam o presente*”.

Porém, Butter assevera que as análises de Gavriel Rosenfeld dificilmente abordam a questão do como e por que certos textos de momentos históricos variáveis, usam o tropo discursivo de Hitler para criticar ou validar o presente e certas noções de identidade dos Estados Unidos. Em vez disso, Gavriel persistentemente questiona se os textos preservam uma crença compartilhada de que o nazismo e Hitler representam o mal absoluto.

Ao contrário da família Rosenfeld, a leitura da ficção de Hitler feita por Butter liga essas narrativas ao contexto americano do quais elas emergem, investigando a necessidade e os desejos que elas respondem, criam, e formam quando foram primeiramente publicadas. Sem dúvida, o primeiro grande mérito de Butter foi lançar-se à própria tarefa de explorar um assunto

⁷ BUTTER, Michael. *The Epitome of evil: Hitler in American Fiction, 1939 – 2002*. United States: Palgrave Macmillan, 2009. p. 8.

⁸ Ibidem. p. 9.

tão difícil de ser tratado e, provavelmente, por isso mesmo, pouco frequentado pela historiografia: histórias alternativas. Da mesma forma que Gavriel Rosenfeld, mas com objetivos diferentes, Butter analisa as representações de Hitler produzidas na cultura norte-americana que pertencem a esse gênero literário.

Em uma definição mais básica, as histórias alternativas são textos que “misturam materiais históricos e fantasias utópicas sobre mundos alternativos”⁹. Butter defende que as histórias alternativas podem existir fora do gênero da ficção científica, considerando-as como um gênero por si só. Diferentemente das ficções científicas que criam múltiplos mundos, as histórias alternativas criam apenas um. Esse mundo singular não emprega a ciência tecnológica como seu tropo central, mas sim a história. Enquanto a ficção científica desenvolve visões de um futuro e baseia-se na tecnologia para negociar problemas contemporâneos, a história alternativa negocia esses problemas imaginando um passado mudado. Como na ficção científica, mas de um modo diferente, o gênero da história alternativa é “inerentemente presentista”: “explora o passado e o utiliza instrumentalmente para analisar a conjuntura do mundo contemporâneo”¹⁰.

Butter sugere que há dois diferentes tipos de história alternativa girando em torno de Hitler e dos nazistas, nas quais forma e função correspondem à *novela histórica realista* e a *novela histórica revisionista*, respectivamente. Elas afirmam ou revisam narrativas históricas estabelecidas. A *novela histórica realista* afirma o conhecimento histórico estabelecido e emprega o passado documentado como um pano de fundo para histórias ficcionais. A ordem temporal dos eventos nessa narrativa dificilmente é manipulada, e a história é apresentada coerentemente, centrando-se no desenvolvimento psicológico dos personagens. Já a *novela histórica revisionista* desafia fatos tradicionais em dois caminhos: atacando

⁹ Ibidem. p. 49.

¹⁰ Ibidem. p. 50.

RESENHAS

interpretações estabelecidas da história e fornecendo contranarrativas que relatam a história de grupos excluídos como mulheres ou minorias étnicas.

Butter afirma que as histórias alternativas sobre Hitler produzidas nos Estados Unidos, geralmente não contestam os relatos comemorativos da vitória americana sobre os nazistas na Segunda Guerra Mundial. De fato, essas histórias quase sempre manipulam o passado de tal forma que o curso que a história tem hoje em dia, a saber, a dominação global pelos EUA, é implicitamente apresentada como o melhor desenvolvimento possível. E a maioria dessas histórias são organizadas ao longo de um estrito binarismo: elencam os americanos como os “bons” por natureza, e Hitler e seus ajudantes nazistas como “maus” por natureza (o outro, a alteridade ameaçadora). Reafirmando também noções positivas da identidade americana. O autor nomeia esse conjunto de textos como “histórias alternativas afirmativas”.

Há, contudo, novelas históricas alternativas que usam uma visão distópica da vitória nazista para desafiar as construções de identidade dos norte-americanos. Esses textos usualmente realçam o paralelo entre os nazistas no mundo alternativo, e os americanos no mundo real, implicando que o que os americanos fazem na realidade não é muito melhor do que os nazistas fazem no mundo alternativo. Butter classifica esse tipo de narrativa como “história alternativa revisionista”, que desconstroem o binarismo existente nas histórias afirmativas, sugerindo mais similaridades do que diferenças entre nazistas e norte-americanos. Porém, seu número é bastante reduzido em comparação com as histórias alternativas afirmativas.

Aqui chegamos ao segundo grande mérito de Butter: trabalhar com a distinção entre “mal” como substantivo e “mal” como adjetivo. Se “mal” é concebido como um substantivo (e assim como uma coisa) atribuímos-lhe uma essência ontológica própria. É então dizer que existe objetivamente e se manifesta em diferentes trajes, seja em Satã ou em Hitler. Satã faz certas coisas por que ele é mau. E Hitler (e o nazismo), nessa perspectiva, não parece ser moldado por forças ideológicas, culturais, e históricas específicas, mas alguém que cometeu seus crimes por sua essência maligna.

O recurso ao mal, assim, substitui a explicação ideológica por uma explicação ontológica da realidade, no qual o nazismo só existiu por causa da sua maldade.

De fato, para grande parte da cultura ocidental de hoje, Hitler como manifestação ontológica do mal se tornou completamente naturalizado. Butter explica que nas histórias alternativas, Hitler encarnar tudo o que os EUA reivindicam não ser. Ele é assim empregado para definir os valores americanos por negá-los explicitamente. Se Hitler, e o que ele representa, é o mal por natureza, então os EUA é a bondade por natureza.

Conceber Hitler como manifestação do mal ontológico, como a cultura dos Estados Unidos tem esmagadoramente feito desde o início de 1970, gira em torno de causa e efeito. A natureza maligna de Hitler figura como a origem do nazismo e dos seus crimes horríveis. Na ficção de Hitler, a noção do mal gradualmente surge como a explicação dominante para o caráter e as ações do *Führer*.

Butter afirma que a representação de Hitler na literatura e na cultura americana, fala mais sobre esta cultura, seus desejos e ansiedades, do que sobre a história da Alemanha. No decorrer do estudo, o autor explicou que a *Ficção de Hitler* utilizou predominantemente a figura do líder nazista para confirmar valores americanos aparentemente naturais, insistindo na diferença essencial entre a bondade americana e a maldade de Hitler e dos nazistas. Para o autor, a alteridade é a função cultural dominante dessas narrativas, perpetuando a imagem do nazismo como a epitome do mal. E se Hitler e o nazismo são concebidos dessa forma, e não mais como fenômeno histórico que pode ser explicado e entendido racionalmente, torna-se difícil aprender lições do passado.

Portanto, as muitas histórias alternativas do *III Reich* refletem como a era nazista tem sido memorizada/lembrada na sociedade ocidental do pós-guerra. Essas histórias, seja em forma de romances *best-sellers*, filmes, ou programas de televisão, alcançam milhões de leitores e telespectadores,

RESENHAS

moldando a consciência histórica popular à uma extensão muitas vezes maior que os estudos produzidos por historiadores profissionais.

Recebido em 10.11.2015

Aprovado em 14.01.2016